

AS IDEIAS ERRADAS
SÃO ARMAS
DO INIMIGO

Discurso do Camarada Presidente
Agostinho Neto, na Açucareira
"1º de Maio", Benguela, a 8 de
Agosto 1976.

Esta publicação destina-se aos activistas do MPLA.
NÃO PODE SER VENDIDA em caso nenhum.



Camaradas :

Foi aqui proposto que esta açucareira se passe a chamar Açucareira "1º de Maio". Os trabalhadores estão de acordo? Os trabalhadores estão de acordo com este nome? ...

Então, a partir de hoje esta fábrica passa a chamar-se Açucareira "1º de Maio".

Também foi proposto que a outra açucareira desta província, do Dombé Grande, se passe a chamar "4 de Fevereiro". Os camaradas trabalhadores estão de acordo? ...

Então, camaradas membros do Comité Central, camaradas membros da Comissão Directiva do MPLA, camarada Comissário Provincial, camaradas das FAPLA, camaradas da OMA, camaradas da UNTA, camaradas da JMPLA, Pioneiros e camaradas trabalhadores das açucareiras "1º de Maio" e "4 de Fevereiro" :

Durante esta curta visita a Benguela, eu desejava antes de mais exprimir a grande satisfação que nós sentimos pelo patriotismo, pelo espírito de trabalho, que é demonstrado, diariamente, pelos camaradas militantes desta província e pela sua população em geral.

Estamos orgulhosos por poder ver, aqui, uma fábrica que depois de abandonada pelos colonialistas portugueses, continua a produzir e está, nestes dias, de trabalho a aumentar, hora a hora, a sua produção. Esta é uma lição que nós aprendemos com o povo de Benguela, que é uma honra para o Povo angolano, é um motivo de orgulho para aqueles que dirigem esta Província.

Desejo dirigir aos trabalhadores das açucareiras da província de Benguela as felicitações da direcção do MPLA, as minhas felicitações pelos êxitos que têm alcançado no seu trabalho,

Felizmente para nós, estamos agora independentes. Já não estamos subordinados a ninguém. Os portugueses colonialistas foram-se embora, os zairenses foram corridos e os sul-africanos também foram corridos. De maneira que estamos completamente independentes. A nossa política é elaborada por angolanos. Toda a orientação do País é subordinada, única e simplesmente, a angolanos. E por isso podemos estar aqui em liberdade.

ATAQUES CONTRA O NOSSO POVO

Ainda há, no entanto, alguns grupos de bandidos no nosso território. Ainda há grupos de bandidos que incomodam as nossas populações. Os camaradas certamente já sabem que há poucos dias, no dia 2 deste mês, indivíduos que se encontram na República do Zaire atacaram uma área da nossa província de Cabinda, mais precisa-

mente em Samba Matala. Os camaradas certamente já sabem, também, que na fronteira Norte, na Província do Zaire, foram há pouco tempo presos indivíduos que vinham da República do Zaire, armados e equipados para atacar o nosso território. Os camaradas sabem, também, que na fronteira Sul, fronteira que temos com a Namíbia, tem havido violações e ataques às populações que vivem, principalmente, na Província do Cunene. Sabem que no interior do nosso país, esses grupos que se infiltraram, apesar da nossa vigilância, é que têm estado a produzir desgastes na nossa população, é que têm estado a matar homens, mulheres e crianças, têm estado a produzir danos materiais, queimando casas, queimando as mobílias, fazendo, portanto, que não haja em determinadas áreas, a tranquilidade que nós desejava-
mos.

VIGILÂNCIA ! VIGILÂNCIA ! VIGILÂNCIA !

São ainda os resquícios, são os restos duma guerra que nós conduzimos, vitoriosamente, contra o colonialismo português e contra o imperialismo. Mas temos esses restos, restos que é preciso acabar e que nós, cada um de nós, deve fazer por acabar.

Não podemos descansar enquanto houver bandidos no nosso território. E embora estejamos, agora, principalmente empenhados na batalha da produção, temos de prestar muita atenção à Defesa.

Os camaradas dizem muito bem: vigilância, vigilância, vigilância! Vigilância em relação ao inimigo. E podem estar certos que lá onde nós conseguimos organizar, lá onde as coisas andarem bem, é preciso vigiar. Porque ali é que o inimigo ataca. Se a Província de Benguela está bem hoje, é preciso ter os olhos bem abertos, porque é aqui mesmo que o inimigo pode atacar.

Teremos, portanto, que ser vigilantes. O inimigo ataca de várias maneiras. Não é só com armas, não é só fazendo a guerra. Faz a sabotagem.

Os camaradas trabalhadores desta fábrica façam atenção às máquinas. Agora que começou a sair açúcar daqui, o inimigo pode atacar aqui. Cuidem das máquinas, porque, senão, um dia quando acordarmos, verificaremos que as máquinas voaram ou que foram sabotadas.

Portanto, camaradas, eu quero repetir o seguinte: quando as coisas vão bem, é preciso vigilância. Precisamos de vigiar em todos os sectores da nossa vida, para que as coisas continuem a andar bem. Porque, senão, um dia nós acordamos dizendo: bem, estava tudo a correr muito bem, mas de repente rebentou a fábrica, ou rebentaram as casas ou uma ponte. Porque o inimigo está aqui; o inimigo está aqui conosco. E é preciso olhar bem nos olhos das pessoas para saber se são sinceros ou não.

AS IDÉIAS ERRADAS SÃO ARMAS DO INIMIGO

Por vezes o inimigo não precisa de fazer sabotagens aos instrumentos de trabalho. Introduce idéias, idéias erradas, falsas idéias, na mente dos trabalhadores. Dizem-lhes, por exemplo: "A fábrica está a produzir muito, mas os trabalhadores estão a ganhar pouco, portanto é preciso fazer uma greve para poder ganhar mais".

Qualquer pessoa aqui em Angola sabe que o custo de vida está muito elevado. Paga-se muito pelos produtos que são necessários à vida: alimentação, vestuário, meio de transporte. O custo é elevadíssimo e é fácil para o trabalhador pensar que, portanto, estando o custo de vida tão elevado, seja necessário fazer uma luta para ganhar mais, para ter um salário mais elevado.

Mas quando se faz essa luta, não se põe a pergunta: vamos fazer a luta contra quem? Vamos fazer a luta contra quem, neste momento, quando se paraliza, por exemplo, uma fábrica para exigir o aumento de salários?

Nós estamos independentes, fizemos uma opção pelo socialismo e, por isso, todos os instrumentos de produção aqui na nossa terra pertencem ao povo. São propriedades do povo. Esta fábrica é do povo. Portanto, se esta fábrica parar, quem é que fica prejudicado? ("Somos nós" — respondeu o povo). Mas não é só o povo de Benguela, é o povo angolano. Porque nós, para termos um nível de vida mais elevado, para podermos ter salários mais elevados, para podermos ter uma vida melhor, teremos todos de estar conscientes de que é necessário trabalhar mais, mais e mais.

Produção, produção, produção!

Se nós não trabalharmos, se na nossa tarefa diária, começarmos a ganhar tempo para nós próprios, em vez de beneficiar a produção, nós não conseguimos ter o nível de vida que desejamos. Quanto menos trabalharmos, mais caras as coisas ficam. Quanto mais trabalharmos, mais baratas as coisas são. Isto é o que nós necessitamos de compreender. E que neste processo em que nós estamos empenhados agora, é realmente necessário que a produtividade de cada operário, de cada camponês, de cada trabalhador aqui em Angola, seja a mais elevada possível, porque senão não teremos nem capacidade económica, nem a possibilidade de importar aqueles artigos que nos fazem falta. As máquinas, por exemplo, que nós não fabricamos ainda, que nós fabricaremos no futuro, mas que neste momento ainda não fabricamos.

ABAIXO O TRIBALISMO, O REGIONALISMO E O RACISMO!

Se nós não aumentamos a produtividade nas fábricas, nos campos, nós teremos dificuldades e mais dificuldades.

E temos, para resolver estes problemas da Defesa e problemas

da produção, que eliminar algumas taras que ainda existem no nosso povo. O regionalismo, por exemplo.

Aqui, nesta fábrica, disseram-me os camaradas responsáveis, que não há falta de mão-de-obra. Pelo contrário, há excesso. Há aqueles compatriotas e camaradas que querem trabalhar, cortar cana, trabalhar aqui na fábrica, e não têm trabalho porque todos os lugares estão preenchidos. Mas há outras áreas em que também se produz cana, onde há pouca mão-de-obra, onde os trabalhadores não são suficientes para fazer funcionar plenamente a fábrica.

Bom, se nós todos somos angolanos, se a Pátria, de Cabinda ao Cunene, é do Povo angolano, não deve haver receio de camaradas trabalhadores daqui irem trabalhar noutras áreas. Não deve haver receio de ir trabalhar noutra Província. Não deve haver receio de contactar a população doutra Província. E seria bom que aqueles trabalhadores que estão aqui e não têm trabalho, vão preencher os lugares que estão vazios nas outras províncias, sem reparar em regionalismos ou tribalismos, sem terem em atenção de que ali se fala uma outra língua e há outros hábitos. Porque, daqui a alguns anos, nós teremos todos os mesmos hábitos e talvez falemos uma língua comum.

TODOS OS ANGOLANOS TÊM DIREITO A ESTA PÁTRIA

Precisamos eliminar as tendências racistas. Nós sempre dissemos: "Abaixo o Racismo", "Abaixo o colonialismo", "Abaixo o Tribalismo". Se então, pois, ainda temos muitos fenómenos de racismo, procuram alguns segregar outros cidadãos deste País, e se procuram criar condições especiais para este ou para aquele cidadão deste País, isto não é correcto. Temos de aprender a conviver, totalmente, todas as raças que existem em Angola.

Todos são angolanos. Todos têm direito a esta Pátria. Esta Pátria não é só de alguns, é de todos. E por isso é que nós combatemos, por isso é que nós dissemos que vamos para o socialismo, por isso é que nós dizemos que somos democratas. Se procedermos doutra maneira, não somos democratas, não somos pelo socialismo, somos pela opressão, seremos contra a Democracia. Temos que eliminar estas taras que ainda existem entre nós.

Os camaradas de Benguela, que gostam muito da sua terra, dizem que Benguela é o melhor do mundo. Bom, pode ser a melhor do mundo... mas, dêem também um bocadinho aos outros.

Vamos acabar completamente com o regionalismo. Acabar com o tribalismo. Acabar com o racismo. Vamos, de facto, construir uma Pátria democrática aqui em Angola.

AS LEIS TÊM QUE SER RESPETTADAS

Temos diante de nós, um programa bastante intenso e longo. A

conquista da independência trouxe-nos novos problemas, problemas que nós temos de resolver pacientemente, com firmeza, sem desprezar as características que são próprias do nosso País. Temos de nos habituar, nós todos, a respeitar, em primeiro lugar, a independência do nosso País, a respeitar os organismos dirigentes e, disciplinadamente, submetemo-nos às leis que são promulgadas através, ou do governo ou do Conselho da Revolução. Muitas vezes nós publicamos leis, e depois não querem cumprir essas leis. Pensamos que somos sempre excepcionistas, cada um é excepcional, portanto, não é compreendido pela lei. E isso prejudica imenso o trabalho, quer a nível do governo, quer ao nível do Movimento. E por isso, temos combatido pela disciplina. Precisamos de disciplina.

Não podemos pensar que o MPLA tome decisões, que o seu Bureau Político tome decisões, que o seu Comité Central tome decisões, e que estas decisões não sejam respeitadas por todos os organismos do Movimento, dentro do nosso País.

Não podemos admitir como possível, que as leis feitas pelo nosso governo sejam desrespeitadas aqui ou além. E, ao nível do MPLA, aqueles que se dizem militantes da nossa organização, que não querem submeter-se à orientação dos órgãos superiores do nosso Movimento, não podem continuar a ser considerados membros do MPLA. Eles têm de seguir a orientação do organismo superior do nosso Movimento.

Por vezes há tendências fraccionistas, tendências de formar grupos, pequenos grupos, dentro do Movimento. De formar grupos de amigos que discutem os problemas da Nação, tomam as suas decisões e depois querem aplicá-las, querem levá-las à prática. Esses grupos reconhecem-se muito facilmente. Muito facilmente nós chegamos a conhecer aqueles que fazem o fraccionismo, aqueles que formam grupos, ou dentro do Movimento, ou dentro do País. E, naturalmente, se a persuasão não for suficiente para convencer estes compatriotas e camaradas a seguirem o caminho justo, nós não teremos outro remédio senão utilizarmos a repressão, quer dizer, que é preciso castigar.

NÃO SOMOS CONTRA OS QUE FORAM ENGANADOS

Aqui, por exemplo, alguns camaradas dizem que têm visto nas ruas indivíduos que eram do ELP, indivíduos que eram responsáveis da UNITA, que eram da FNIA, que eram responsáveis e que estão aqui. Bom, eu digo: nós não somos contra aqueles que foram enganados em determinados momentos, pelas vozes enganadoras dos responsáveis da falecida UNITA. Eles são angolanos e têm o direito, portanto, de estar aqui. Há um tempo determinado para se poderem recompor, para serem recuperados, para funcionarem como cidadãos perfeitos deste País.

Nunca direi que alguém, só porque há dois ou três anos pertenceu à Unita ou à Fnla, agora não pode viver aqui. Isso não. São angolanos e, uma vez que reconheçam qual é a linha justa, eles de vem poder viver, trabalhar connosco.

Mas, se um dia, alguém pegar numa arma contra o MPLA, este não tem perdão. Não podemos perdoar aqueles que fazem banditismo. Se alguém for preso ou encontrado armado e atacar o MPLA ou o governo não tem perdão.

E, por isso, aos camaradas quando dizem: "vimos ali um Elp", ou "vimos ali um responsável disto, um responsável daquilo", pergunto: Então, poraue não o agarram já? Não é preciso esperar mais nada; se ele está aqui contra nós, agarrem-no. Em vez de virem fazer queixa, tragam já o indivíduo.

PRODUÇÃO, PRODUÇÃO, PRODUÇÃO !

DISCIPLINA, DISCIPLINA, DISCIPLINA !

VIGILÂNCIA, VIGILÂNCIA, VIGILÂNCIA !

A LUTA CONTINUA !

A VITÓRIA É CERTA !

DOP - GAP

11 de agosto 1976